

ANÁLISE DE MERCADO  
ESPECIAL **PERSPECTIVAS** 2017

 Siderurgia

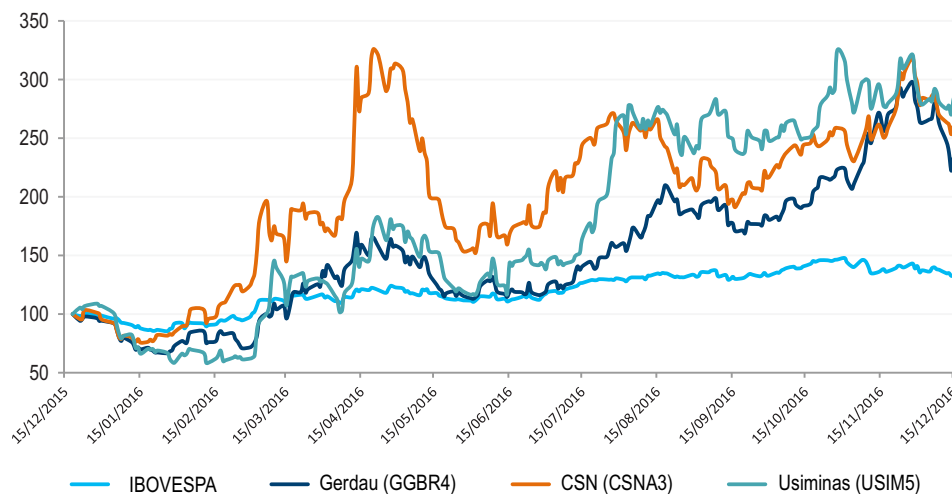




Para aqueles que gostam de emoções, o ano que passou não deixou a desejar. 2016 definitivamente foi um ano para quem tem nervos de aço! O enredo setorial foi bastante parecido com o ano anterior e aquilo que foi mais um capítulo da melancolia da siderurgia por aqui, também significou formidável desempenho das companhias em Bolsa.

Novamente assistimos queda da demanda e dos níveis de produção, num ambiente pouco convidativo e o resultado disso? Valorização de três dígitos em Bolsa das principais empresas listadas!

**Desempenho siderúrgicas vs Ibovespa em 2016 - base 100**



Fonte: Economática, elaboração própria

Antes que você imagine que se trata de um contrassenso (afinal como poderiam essas empresas subir em Bolsa em meio a tanta desgraça?!), é

importante pontuar que alguns “ajustes” adotados por essas companhias e alguma melhoria do cenário prospectivo num contexto de forte desvalorização das ações do setor nos dois anos anteriores, ajudam a explicar a antecipação do mercado financeiro.

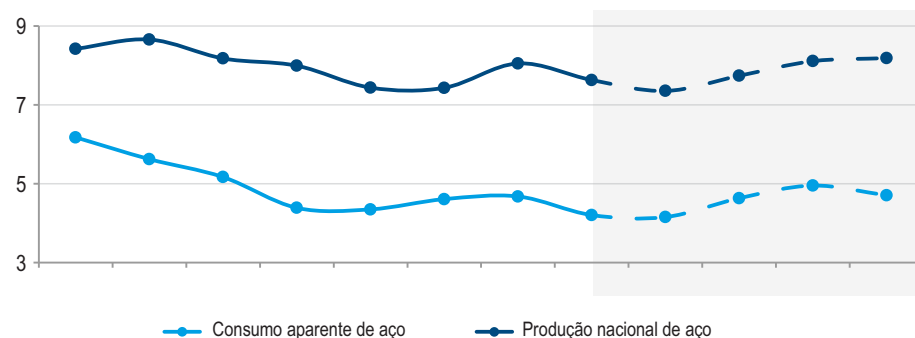
Assim como destacado no setorial do ano anterior, realmente assistimos cortes de investimentos, monetização de ativos não relacionados diretamente ao core business, renegociação de dívidas, redução de quadro de funcionários para diminuição de custos e maior atenção às medidas para melhora de eficiência operacional.

Ainda sobre o ano que passou, expectativas do Instituto Aço Brasil (IABr) com informações até novembro de 2016, indicam que a produção brasileira de aço bruto foi 7,6% menor do que em 2015, totalizando 30,7 milhões de toneladas (o menor volume de produção registrado desde 2009). Em termos de vendas internas de produtos siderúrgicos, a queda ficou na casa de 10,1%, chegando a 16,3 milhões de toneladas. O consumo aparente de aço no país ficou em torno de 18 milhões de toneladas (redução de 16,2% na comparação com o ano passado).

Daqui pra frente, as expectativas apontam para uma recuperação bastante gradual da economia e para a siderurgia a situação não deve ser muito diferente. Em 2017, ainda segundo expectativas do IABr, o consumo aparente deve crescer 3,5% frente a 2016, enquanto as vendas devem subir 3,6%. Trabalhamos com números bastante próximos em termos de evolução de consumo aparente e um pouco menores no que tange a volume de vendas.

USIMINAS 

Produção e consumo aparente de aço (em milhões de toneladas)



Fonte: Tendências Consultoria, elaboração própria

Notoriamente, a deterioração marginal dos indicadores da siderurgia tem perdido força, sugerindo que o pior momento para a indústria do aço ficou para trás, assim como em alguns outros setores. Contudo, o cenário macroeconômico ainda é difícil, não havendo garantia de melhora vigorosa e consistente. Nesse contexto, o caminho apontado como alternativa para as siderúrgicas, em meio à fragilidade da atividade econômica doméstica e grande indefinição política foi (inclusive exposto em nosso relatório anterior), tem sido e continuará sendo a exportação.

Acontece que não podemos nos esquecer de um detalhe. Continuamos num ambiente de excesso de capacidade instalada que supera 700 milhões de toneladas de aço no mundo. Desse total, mais de 400 milhões de toneladas estão na China. Ainda que existam pleitos visando equacionar a “desproporção comercial chinesa” que cria distorções no setor (elevado volume de exportações com preços predatórios) não acreditamos em

alterações substanciais do quadro de excesso de oferta em 2017. Medidas como o aumento da alíquota do Reintegra e melhorias na formatação na linha de financiamento Exim do BNDES são algumas decisões paliativas que podem amenizar a delicada situação setorial.

Ainda assim, em 2017 aspectos como os melhores sinais da economia e de setores demandantes de aço, a paulatina recuperação da confiança em consonância com condições setoriais de baixos estoques, melhor expectativa de vendas, baixa utilização de capacidade (reação do mercado não exigirá grandes investimentos para atendimento da demanda) e fraca base comparativa, são condições que devem favorecer o setor. Acreditamos que mesmo neste contexto aparentemente mais ameno, a maior disciplina em termos de CAPEX, bem como a otimização de ativos com desinvestimentos seletivos e redução de custos e despesas continuarão norteando o dia a dia das companhias listadas em bolsa. Digamos que será um ano parcimoniosamente melhor para a siderurgia.